

Jean-Paul Coujou, *Suárez dans l'Histoire de la Métaphysique*. Volume 1: L'Héritage et le débat contemporain, (Collection Carte Blanche), (Toulouse: Entre-mises Éditions, 2022). ISBN: 978-2-38255-037-3. 237 pp.

Que fortuna poder, a *Revista Filosófica de Coimbra*, num só fascículo assinalar por duas vezes a figura e a obra de Francisco Suárez, já apresentadas na recensão anterior! E quanta alegria sente o recenseador desta obra, por poder ter lido o que se anuncia como o primeiro volume de um trabalho ímpar que marcará toda a exegese por vir sobre a metafísica de Francisco Suárez (doravante FS). Desta feita o mérito deve ser assacado ao professor Jean-Paul Coujou cujos muitos anos de exigente convívio com o seu interpretado sempre comparecerá como um dos mais ilustres hermeneutas atuais da obra e do pensamento suarezianos. Fácil é perceber que tematicamente e metodologicamente, este título revela, em confronto com o anterior, a riqueza e a diversidade de um pensador tão profundo, tão “exímio” como o denominou o Papa Paulo V, que nos confere o privilégio de ter sido um dos nossos. Mas apressemo-nos a apresentar a obra do professor de Toulouse, tradutor e investigador atento da obra e do pensamento de FS, mormente do seu contributo político e legal, autor, por exemplo, de *Le Vocabulaire de Suárez* (Paris 2001), um género literário no seio da filosofia, este, que tanto nos apraz, pelas razões que o leitor e a leitora mais atentos saberão explicar. O título presente dedica-se à metafísica e já, a respeito da recensão anterior, tive o ensejo de sublinhar a importância a este capítulo do pensamento suarezino. J.P. Coujou é, também, reconhecido, pelo seu trabalho de tradução para francês de algumas importantes secções das *Disputas Metafísicas* (1597) de FS. Dividido, este primeiro volume, em duas partes – sob a perspectiva de “A herança metafísica de FS” e de “O Debate Metafísico Contemporâneo de FS” – eis dois ângulos de leitura deveras surpreendentes (entretanto, anuncia-se um segundo volume sob a perspectiva da “Posteridade da Metafísica de FS”). A surpresa advém, desde logo, da imensa e algo inusitada presença de autores convocados para a mais ampla e ousada interpretação de FS enquanto um pensador metafísico por excelência, que até hoje nos foi dada conhecer. Vasta informação, singular inteligência interpretativa, notável erudição, leitura de filigrana e amplo convívio meditativo com a obra de FS são alguns dos raros pilares em que Coujou se engrandece. Assim, desde Platão (a teoria das formas) a Maquiavel (moral e política), passando por Cícero (direito natural), Séneca (ética da existência), Ockham (o estatuto ontológico e político do indivíduo), Marsílio de Pádua (paz e poder), Afonso de Madrigal e Thomas Morus (os limites do possível em política), é-nos dada uma extraordinária lição sobre alguns raros autores e horizontes problemáticos de que FS foi crítico e pessoal “herdeiro”. Confesso que, para mim, a parte mais bem conseguida desta enorme produção interpretativa reside na segunda parte, onde a plêiade de autores convocados para um diálogo requintado nos surpreende ainda mais: Domingo de Soto, Cervantes, El Greco, Zurbarán e Velázquez, Diego Mas e Diego de Zuñiga. Do primeiro, ressalta a incidência sobre

lei natural e natureza humana; do autor do Quixote, os motivos da encarnação da alma e espiritualização do corpo; do tríptico da pintura, a relação cingida entre arte e perfeição do sensível; aos dois últimos, a problemática da renovação do ente e o horizonte deste último enquanto objeto da metafísica. De um tão amplo diálogo a montante e jusante históricos resulta impossível dar conta, aqui e agora, de todas as descobertas, aberturas, mas também de alguns pontos em aberto ou mais difíceis. Limite-me, por isso, a apontar a ausência de um amplo parágrafo (quicá óbvio) a Tomás de Aquino e a João Duns Escoto, no que à primeira parte desta obra diz respeito, e, naturalmente, a Pedro da Fonseca, metafísico aqui nunca abordado, mas que não só partilhava com FS um mesmo ideal religioso como, sobretudo, jamais poderá ser relegado para uma posteridade, antes para uma “contemporaneidade”, talvez mesmo influenciadora, aqui e ali. Depois de Ramon Señal e Eleuterio Elorduy, António Martins é quem tem mais insistido nesta relação. Seja como for, estas ausências em nada beliscam a interpretação de Coujou. Sobretudo porque a tese nuclear do autor é valiosa, clara e passa à margem dos eventuais protagonistas ausentes. Repito, por isso: FS surge-nos como um metafísico, mas se este reconhecimento está longe de ser novo, é a metafísica de FS que comparece no fim destes diálogos como algo de absolutamente novo e único. Ei-la, no seu núcleo essencial: a unidade sistemática da metafísica de FS, resultante de uma apropriação histórica (singular?) da metafísica, coincide com e vive da ultrapassagem do especulativo e do prático. É consabido como os mais eminentes historiadores contemporâneos da filosofia terçam armas quanto ao lugar de FS na história da metafísica e do seu momento ontológico. Frente a esta discussão, a leitura que o autor da presente monografia nos propõe comparece com desassombro e ousadia. O parricídio do texto fundador – a *Metafísica* de Aristóteles, naturalmente – mediante um regresso historicamente metafísico a um tal arqutexto (que as duas partes da monografia elucidam e aprofundam) realiza o ideal da sabedoria filosófica reconciliando num mesmo projeto razão teórica e razão prática (parafrazeio da p. 19). Encontram-se justificados os diálogos menos habituais aqui promovidos e acima enumerados, designadamente com a literatura, a pintura, a filosofia natural, tanto mais que a “metafísica” de FS que daqui decorre agrega toda a complexidade e amplitude da obra suarezina: a “metafísica, naturalmente, mas a moral, a teologia, a política, o direito, a física, as matemáticas, a medicina, a economia e até a fiscalidade” (p. 11). Bastaria, em suma, terminar com a seguinte palavra que dá conta, julgo, de todo o meu apreço pelo momento “coujoutiano” da interpretação de FS: sem nunca desmerecer toda a tradição hermenêutica francesa, que tantos e tão bons livros nos deu até hoje sobre FS, o nosso intérprete culmina-a numa excelente e inédita demonstração, nos seus contornos mais finos, de como o trabalho metafísico de FS pode ser a pedra angular de leitura de toda a produção filosófica do jesuíta de Seiscentos. Pessoalmente, esperava este anúncio e adiro a ele sem reboço. Não saberia dizer se FS alcança deveras o pódio entre os conhecedores coevos da história da metafísica, não saberia dizer se todos os diálogos aqui propostos e tão luminosamen-

te apresentados são realmente singulares, mas, esboçada alguma da minha suspeita, não caibo em mim de contentamento intelectual em anunciar esta obra ímpar como um marco obrigatório na interpretação por vir.

Mário Santiago de Carvalho

Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras –DFCI

Unidade I&D: IEF

Email: carvalhomario07@gmail.com

ORCID: 0000-0002-8257-9962

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_64_19